

ALGUNS DOCUMENTOS COMERCIAIS
LUSOFLAMENGOS DO SÉCULO XVII
COM INTERESSE PARA A HISTÓRIA DE ARTE

Roza Huylebrouck

Durante muito tempo, os historiadores em geral, e os historiadores de arte em particular, concentraram a sua atenção na época de esplendor das dinastias de Avis e da Borgonha e seu intercâmbio. Com efeito, comparado com o «élan vital» da época dos Descobrimentos por um lado e o apogeu de Bruges e de Antuérpia por outro, o fim do séc. XVI e boa parte do séc. XVII era capaz de parecer um grande buraco negro. No ano de 1580, Portugal perde a sua autonomia e em 1585 dá-se a queda de Antuérpia, que significa a cisão dos antigos Países Baixos e leva ao encerramento do rio Escalda. Confrontada com o apogeu espanhol e a ascensão holandesa, tanto a situação de Portugal como a da Flandres apresentava um aspecto ainda mais desolador.

Todavia, nos últimos decénios vários historiadores acharam que também estes tempos infelizes mereciam uma investigação mais aprofundada e chegaram a conclusões que nos obrigam a rever diversos conceitos. No caso de Antuérpia, por exemplo, provou-se que fora o Tratado de Münster em 1648 que acabara com muitas esperanças, e que mesmo depois esta cidade portuária continuou importante em alguns domínios.

Assim está agora fora de questão que durante boa parte do séc. XVII Antuérpia se aguentou como grande praça financeira, como centro muito importante de fabrico e/ou comercialização de mercadoria de luxo, e como o maior porto dos Países Baixos do Sul.

Neste artigo queríamos chamar a atenção para alguns passos de

estudos importantes, publicados no Norte, relevantes para a investigação da arte em Portugal, principalmente nos domínios da pintura e da gravura.

Começamos pelo livro do professor alemão Hans Pohl, cujo título traduzido reza: *Os Portugueses em Antuérpia (1567-1648). Para a história de uma minoria*.¹ Na p. 195, lemos que os quadros dos pintores antuerpienses continuam populares por toda a Europa. Mais em particular, aprendemos o seguinte:

— Manuel Rodrigues Pina comprou em 1622 12 dúzias e meia de retábulos de Martin Veruyen e mandou-os, por conta própria, para Lisboa a Cristobal Rodrigues Correa.

— Em 1623, Vasco da Silva exportou 104 quadros a óleo, 100 «pinturas de resplendor vidradas con las bordaduras doradas» e outras peças pintadas, via Calais, para o Porto, destinados a António Lopes Cortes. Estes foram fornecidos pelos pintores antuerpienses Daniel Christiansse e Jacques van den Wouwer. A remessa ia por conta e risco de Vasco da Silva.

— Poucos meses depois, Álvaro Brandão comprou do mesmo pintor Wouwer 100 pequenos quadros «con sus vidrasses», que mandou por conta e risco próprio a Pedro Frances Bernaldes em Lisboa.

O mesmo estudo de Pohl revela-nos que, na 1.ª metade do séc. XVII, vários portugueses foram membros da Guilda de São Lucas: entre outros, sete bordadores e um pintor, chamado Manuel Moutinho. E à volta de 1640, António Rodrigues Franco ajudou um Madeirense, de nome Ignacio Fernandes, que aprendeu a sua arte em Antuérpia.

Os negociantes acima citados são portugueses, mas muitos «flamengos» tinham um papel activo na comercialização das obras de arte na Península. Encontramos vários exemplos na tese de doutoramento de Eddy Stols, agora professor em Lovaina e Leida. Este estudo sobre as relações comerciais dos Países Baixos do Sul com a Península Ibérica, de 1598 a 1648, foi publicado em Bruxelas em dois volumes².

¹ POHL, Hans — *Die Portugiesen in Antwerpen (1567-1648); zur Geschichte einer Minderheit*. Vierteljahrschrift für Sozial — und Wirtschaftsgeschichte. Beiheft n.º 63. Wiesbaden, Franz Steiner, 1977.

(Mais em particular: pp. 116-121, pp. 195-196, p. 321).

² STOLS, Eddy — *De Spaanse Brabanders of de Handelsbetrekkingen der Zuidelijke Nederlanden met de Iberische Wereld 1598-1648*. Verhandelingen van de Koninklijke Vlaamse Academie voor Wetenschappen, Letteren en Schone Kunsten van België. Klasse der Letteren, Jaargang XXXIII, n.º 70. I Tekst, II Bijlagen; Brussel, Paleis der Academiën, 1971.

(Mais em particular: I pp. 166-177, pp. 227-243, II p. 31, p. 32, pp. 200-201).

Pedro Clarisse, ao qual Francisco Mendes e Arnout van Gerven mandaram quadros a partir de Antuérpia, escreveu ao seu irmão que não queria mais nenhum, pois a mercadoria não era boa e não dava lucro.

Jacob Guyot, membro de uma importante família de Antuérpia, vendeu em Lisboa, nos anos 1645-1669, quadros para a Casa Forchont.

Paulo Van Gysenrode, aliás Guizenrode, nascido em 's-Hertogenbosch em 1595, viveu em Lisboa ca 1610-45. O seu filho, Paulo Júnior, vendeu nos anos 1645-1669 quadros para os Forchont.

Do mesmo estudo tirámos que o pintor Pedro Bassos, nascido ca 1593 em Antuérpia, se encontrava ca 1645 no Porto, na Rua dos Banhos.

Um dos negociantes mais importantes, porém, deve ter sido André de Saintes, aliás Dos Santos. Esteve em Lisboa nos anos 1630-46, com alguns intervalos.

Muito interessante revela-se o conteúdo de duas caixas que lhe mandou Paul Du Jon, no ano 1633. Trata-se essencialmente de gravuras: uma parte estampas vulgares e baratas, outra parte gravuras de qualidade e caras, em papel e em pergaminho, de todos os tamanhos.

A primeira caixa, que vai para Lisboa, em parceria com de Saintes, contém:

- 5.400 estampas em papel, duas numa folha, com o valor de 2 florins e 2 stuivers
- 1.000 novos «principais» [= originais?] a Bolswert: 24 florins
- 2.300 cópias a Bolswert: 27 florins e 19 stuivers
- 250 meias-folhas cópias de Rubens: 25 florins
- 180 «principais» com 4 tipos de Nossas Senhoras de Schut: 27 florins
- 14 livros de animais a Blommart in-quarto: 4 florins e 56 stuivers
- 23 livros com eremitas a Bolswert in-quarto: 15 florins a 12 stuivers
- uma vida de S. Agostinho: 1 florim e 8 stuivers
- 14 folhas duplas a Bolswert in-magno fólho: 2 florins e 9 stuivers
- 200 folhas cópias com a Regina Coeli, o Ecce Homo e a Flagelação: 6 florins e 10 stuivers
- 300 eremitas in-quarto: 7 florins e 4 stuivers
- 3 com um combate de Leões, um Juízo de Salomão e uma Conversão de S. Paulo: 3 florins
- 1 Pesca de S. Pedro: 2 florins
- 1 in-fólho a Bolswert: 2 stuivers
- 1 Cruz de Rubens: 1 florim e 10 stuivers
- 1 Natal de Bolswert e 9 peças com Nossa Senhora e o Menino: 2 florins e 9 stuivers
- 6 grandes paisagens a 10 stuivers por peça

- 60 pergaminhos triplos: 7 florins e 6 stuivers
- 200 pergaminhos «afgezet» [afgezet pode ser com cercadura ou coloridos]: 25 florins
- 400 pergaminhos de tamanho pequeno do melhor: 48 florins
- 4.100 pergaminhos comuns coloridos: 307 florins e 10 stuivers
- 25 pergaminhos duplos: 6 florins
- 25 pergaminhos triplos: 6 florins e 17½ stuivers

Infelizmente, o conteúdo da segunda caixa, que segue para Lisboa via Duinkerke e Dover, não vem especificado. Trata-se de 220 estampas, mais 4.150 «afgezet» e mais 817.

De André de Saintes conservaram-se umas cartas comerciais nos arquivos de Antuérpia, tornadas públicas por J. Denucé em 1931 no livro: *Exportação de arte no séc. XVII em Antuérpia. A Casa Forchoudt*³. Apesar de se tratar de uma publicação bem antiga, citada em muitas bibliografias, fiquei com a impressão que não chegou a ser conhecida, ou pelo menos devidamente aproveitada, pelos investigadores portugueses. Talvez por causa da língua: uma parte das cartas é em neerlandês do séc. XVII. Tentamos aqui uma tradução, baseada no livro de Denucé. Estamos conscientes que uma tradução baseada nos originais teria sido bem melhor, mas por várias razões foi impossível. Lamentamos isso, pois ficámos com umas dúvidas, umas lacunas, interrogações sobre se se tratava de barbarismo, de erro de transcrição, se a data estava certa... Ainda mais que o investigador Erik Duverger começou o seu livro: *Novos dados acerca do negócio de arte de Matthijs Musson e Maria Fourmenois em Antuérpia entre 1633 e 1681*⁴ com as palavras: «J. Denucé fez um trabalho muito útil com a publicação das suas «Fontes para a história da arte flamenga», que contém muitos dados novos para os historiadores de arte. No entanto, chega-se à constatação de que o seu trabalho de pioneiro tem que ser feito de novo. O seu estudo sobre a Casa Forchont — e não Forchoudt — é muito incompleto e muitos documentos foram lidos e

³ DENUCÉ, J. — *Kunstuitvoer in de 17e eeuw te Antwerpen. De firma Forchoudt. Bronnen voor de geschiedenis van de Vlaamsche kunst*, I, Antwerpen, De Sikkel, 1931.

(Mais em particular: pp. 31-32, p. 35, pp. 36-37, p. 37, pp. 37-38, p. 114, pp. 115-116, p. 182, p. 243, pp. 244-246, pp. 280-282).

⁴ DUVERGER, Erik — *Nieuwe gegevens betreffende de kunsthandel van Matthijs Musson en Maria Fourmenois te Antwerpen tussen 1633 en 1681*. Gentse Bijdragen tot de Kunstgeschiedenis en de Oudheidkunde. Deel XXI, Gent, 1969.

(Mais em particular: p. 46, p. 49, p. 50, p. 62, p. 101, p. 102, p. 201).

datados erradamente». O autor mostra a mesma reserva perante a publicação dos documentos da Casa Musson e Fourmenois⁵.

Por causa deste alerta fundamentado, hesitámos algum tempo em publicar essa nossa tradução. Mas finalmente chegámos à conclusão que as nossas dúvidas não são assim tantas e que, de qualquer maneira, não invalidam seriamente o conjunto.

As cartas de A. de Saintes são interessantes e bastante divertidas. O estilo não é cuidado: escreve ao correr da pena e sem papas na língua. No entanto, revela-se bom negociante e conhecedor de arte. Respeitamos o mais possível o texto como está em Denucé — até deixamos ficar a grafia dos nomes próprios. Todavia, procurámos tornar o conteúdo mais acessível mediante pontuação e maiúsculas. Tivemos que conter o impulso de pôr pontos de exclamação: de Saintes escreve de modo enfático — deve ter sido um homem de fala alta, mas com boa índole. Sabemos que negociava em muitos produtos, como têxteis e diamantes. O leque aqui mencionado inclui quadros, gravuras, couros, móveis de luxo, espelhos, ourivesaria, porcelana, madeira exótica...

1640, 16 de Junho: Carta de André de Saites, Lisboa, A Guill. Forchont

«... V. m. avisou que os escritórios estariam prontos em fins de Junho. Mandei-lhe as instruções. Deixe-os vir em nome de Deus. O Sr. Jacomo Guiot pagará a v. m. em líquido, mas que seja pelo melhor preço possível, assim faremos mais negócios e os negócios trazem o proveito e no meu regresso lhes encomendarei grandes coisas. Estas são para minha casa, portanto, façam-me um bom preço e tratem-me como amigo: os 2 [escritórios] têm que ter uma largura de 4 palmos e uma altura a condizer. Num vêm fábulas pintadas, no outro [cenas] segundo Odivius [Ovidius]. O outro, o terceiro, tem que ter uma largura de 5 palmos, uma altura a condizer, e neste vem pintada a vida de Santo António de Pádua com feições muito bonitas.

⁵ DENUCÉ, Jan — *Na Peter Pauwel Rubens. Documenten uit den Kunsthandel te Antwerpen in de XVIIe eeuw van Matthijs Musson*. Bronnen voor de geschiedenis van de Vlaamsche Kunst V. Antwerpen, De Sikkel en 's-Gravenhage, Martinus Nijhoff, s.d.

(Tem relevância indirecta para o nosso assunto. Veja-se no entanto: p. XVIII, p. XXVII, p. XXXVI, p. XLIII, p. LXX, p. LXXIV, pp. XCIV-V, p. XCVII, p. 11, pp. 371-372).

1 Recomendo a v. m. que as pinturas sejam muito bem e habilmente feitas na devida altura.

2 a madeira de ébano bem pregada e colada, senão não serve, pois o calor do verão estala e rasga tudo

3 cada qual tem que ter os seus espelhos na perspectiva, quanto maiores melhor

4 as gavetas e as costas têm que ser de boa madeira, e não de bocadinhos ou de madeira verde

5 todos os metais lindamente dourados e polidos e resistentes

6 cada qual tem que ter o seu segredo interior muito habilmente feito

7 cada qual tem que ter o seu suporte de madeira macia polido a preto

8 as galerias têm que ser de bonitas colunas bem douradas

9 as caras dos anjos e os frutos de prata

10 mas, acima de tudo, têm que ser da última moda como se faz agora, senão não servem de maneira nenhuma. E o Sr. Jacomo Guiot terá a gentileza de os ver porque eu sei que o tal Sr. é um entendido. ... Tartarugas aqui não há, estas vêm das Índias Ocidentais e têm que ser compradas em Sevilha. Quando voltar, trago alguma madeira de ébano; trata-se de grandes peças de 140 libras cada.

Tenho uma encomenda da Comendadeira Maior para mandar fazer um sacrário para um altar, cujo preço irá além de 500 libras flamengas; este trabalho será para v. m. quando voltar «*per avis*».

1643, 8 de Junho

«Com grande espanto vi a mercadoria que v. m. me manda. Para começar não há nenhum original de Van der Lamén, só vem aquilo do Sr. Teniers e Pieter Meulenaer e de van Ostadi e, apesar de este de Franq ser um original, é uma porcaria, e de Teniers vem uma só cópia, a outra v. m. terá achado demasiado boa [para mim], mas v. m. pô-la na conta sem a mandar, portanto vieram só onze peças e v. m. pôs 12 a 33 florins na conta. Abri a mercadoria com testemunhas e resolvi mandar 10 pinturas de volta para que sejam comparadas com as vossas cartas. Os navios de Hertvelt são também muito maus. Senhor Forchont, v. m. tem que saber que não esperava isso de v. m., os destinatários ficam muito admirados e eu ainda mais porque fico prejudicado; preferia ter perdido mil florins e que isso fosse remediado. V. m. tem que saber que percebo mais de quadros do que v. m. e a mim ninguém me engana, negoceio há mais de 30 anos neste ramo, e tenho mandado vir muitas coisas por intermédio do meu falecido irmão [cunhado] De Cort, e nunca tive pro-

blemas. As paisagens são do cego «verwalter?» que muito particularmente não queria e que podia ter comprado por 14 fl. Quanto às cópias de que v. m. diz que foram compradas no leilão de Ribens a 26 fl.: posso ter tantas quantas quiser por 16 fl., sem moldura.

Na caixa n.º D de último «adísio» v. m. pôs 18 meias-telas de batalhas a 8 fl. e somou 176 fl., mas isso dá 144 fl., portanto trata-se de um erro de 32 fl. em meu detrimento. É favor verificar isso e creditar a minha conta.

As telas de 3 palmos de altura e de 4 de largura não valem 3 fl. V. m. avalia-as em 4 fl., aliás todas as telas são demasiado caras. Todos os quadros, quer grandes quer pequenos, são cópias tão más que me dói a alma. É favor rectificar isso, porque é um grande erro que me afecta muito.

O melhor espelho vem partido, isso não é culpa de v.m., mas tenha a gentileza de mandar outro do mesmo tamanho na primeira oportunidade, bem empacotado.

Todos os quadros da Paixão e os «gregos»⁶ devem ter sido o resto de vossa loja. Não os quero pela ½ [metade do preço], pois são porcarias que nunca conseguirei escoar, e se v. m. não quiser fazer um preço razoável, mando-lhos de volta.

O conjunto de quadros por 36 stuivers é muito caro. V. m. avalia-os em 45 st.; os «gregos» em 8 fl. 5 stuivers, a 50 st., é demasiado caro.

Os escritórios vieram também demasiado caros, já que as pinturas não são melhores do que as anteriores. Além disso os metais chegaram quebrados e descolados, os suportes são maus e não há gaveta.

No entanto, não quis incomodar o Sr. Guiot. Podemos remediar isso entre nós, sem abrir a boca a ninguém; rectifique isso de acordo com a sua consciência e não abandonarei v. m. Continuaremos, pois eu sou amigo de v. m., mas então tem que me tratar como amigo. Tenho a casa cheia de filhos e tenho que ganhar algum dinheiro — neste negócio fico muito prejudicado. Responda-me imediatamente acerca disto tudo e seja razoável. Deve-me também:

32 fl. do erro das 18 meias-telas a 8 fl. onde v. m. põe 176;

33 fl. do quadro que falta;

O desconto sobre esta mercadoria toda, telas ou outros quadros;

Também sobre os quadros da paixão e os «gregos» avaliados a preço demasiado alto, e assim continuaremos amigos e ninguém ouvirá ou saberá dos nossos negócios.

Também não disse nada ao Conde que para começar quer 2 escri-

⁶ «Gregos» significa: paisagens decorativas.

tórios, mas com melhor pintura e melhores fechaduras e metais e com melhor suporte, com fábulas, mas com muitíssima pintura. Deixe começar o trabalho imediatamente, o Sr. Guiot lhe dará o dinheiro. Trate-me como amigo e siga as minhas instruções.

Mande-me também 6 escritórios, 3 bordados — vamos dizer oito escritórios, 4 bordados e 4 pintados, 3 palmos de largura e «...» palmos, mas não podem custar mais de 40 fl. — vamos dizer 40 fl., todos com os seus espelhos e perspectivas, bem colados e pregados, num a história de Santo António de Pádua e nos outros o que achar bem, fica ao seu critério. Aquele que mandou por 12 fl. está muito mal bordado. Atrás tem que levar boa madeira. O Sr. Guiot a v. m. dará o dinheiro para isso tudo, mas trate-me como amigo.

Espero que Franco Alv. Peres tenha mandado as câmaras de couro dourado e também o rosário para a Senhora, a vossa amada, e que v. m. tenha mandado o bonito escritório, ou escritório com tartaruga, e as demais coisas, deduzindo os couros dourados e o desconto desta mercadoria. Eu mereço que me trate bem.

Mande-me também quatro grandes quadros de Van der Lammen, mas têm que ser originais e não cópias e 4 grandes de devoção como os maiores [que já mandou] também com molduras malhadas; estes custam 40 fl. por peça, 4 palmos amplos de largura e 3 «t» de altura, mas que seja boa mercadoria e bem empacotada, não me mande porcaria, senão acabam os nossos negócios. Fico muito prejudicado com esta remessa e isso tem que ser remediado. Queria também outras coisas mas nisso falarei na próxima. Vá com Deus.

De v. m. o mais obrigado Servidor
André de Saintes

As peças que mandei vir têm que ser de Schut. Não as quero de mais ninguém. «Per avis» Senhor Forchout, trate-me como amigo e não ficará arrependido. Não me mande porcaria que me faz perder muito dinheiro.»

1643, 20 de Agosto

«...a caixa n.º H chegou bem, mas como não tenho nem factura nem carta, só posso dizer que estas cópias de Van der Lammen são melhores do que as anteriores. 2 painéis chegaram mal tratados e quebrados, um a paisagem n.º 23, que penso ter sido feito por Capn. Leydens, o outro é a igreja do P.º Neefs; também o vaso de flores de Breugel o jovem vem riscado, mas isso pode ser remediado. As 3 peças que me parecem de

Teniers, foram pintadas há muito tempo e agora mal retocadas [conjectura nossa]; quanto aos jogadores n.º 15, se conseguir mais desta mão eu fico com ele, se o preço for bom. O gabinete de amator reservo para um amigo «no froncare», vem partido em três sítios, aí só encontro 2 figuras do jovem Franck, que me parecem feitas muito posteriormente. V. m. tem que saber que eu sei destas coisas todas. A tela chamada S. Tomé de Abraham Janssens é tão formidável [?] como a maioria das suas coisas, conheci o tal amigo e em honra dele a guardei para mim e pendurei.

As telas do Sr. Schut acho caras, pois têm pouco trabalho e uma paisagem má, paciência.

As telas de paisagens acho muito jeitosas e servem bem para este país, se o preço for razoável. Queria 2 ou 3 dúzias de telas duplas: uma dúzia com grandes figuras de fábulas, também uma dúzia de batalhas e 3 dúzias de telas simples: a ½ [metade] com fábulas grandes, a ½ [metade] com batalhas, mas antes tenho que saber o que custam.

Espero que Franco Alvers tenha mandado as câmaras de couro dourado a v. m. e que v. m. tenha mandado o bonito escritório e descontado os maus quadros...

É favor transmitir os cumprimentos da parte de Luisa Perera de Feritas.

P. S. Deixe vir nas gavetas dez mil palitos de sabugeiro, pintados de amarelo e do melhor e do mais jeitoso e barato, pois são para um pequeno vendedor de Antuérpia a quem queria ajudar a ganhar a vida.»

1644, 10 de Maio

«... Agora dou instruções ao Sr. Guiot para que lhes entregue o que digo nesta memória que v. m. receberá e venderá pelo melhor preço possível. Numa frota que partirá dentro de 20 dias irá porcelana para v. m., cada um reconhecerá as suas armas e a sua marca; vai também uma caixa com couros dourados que v. m. venderá por minha conta e que a contabilidade seja rigorosa.

Espero que v. m. me tenha mandado os escritórios, vejo que não custam menos do que 54 florins, de 12 pequeno, na verdade, o grande não pode ser menos, não quero o prejuízo de v. m..

O Sr. Schut não tem razão ao pedir mais do que foi combinado, ele próprio escreveu-me que queria 200 fl. pelo quadro e 300 fl. pelo Santo António. Eu escrevo-lhe acerca disso, não lhe pague mais.

Aguardo os Apóstolos e Patriarcas com as 24 telas, também as 3 telas que v. m. acha boas, e se lhe sobrar algum dinheiro, deixe vir

algumas cópias de Jordaens. Se v. m. conseguir trocar algo destas jóias, pode fazê-lo, cada qual de acordo com o seu valor.

Deixe fazer as batalhas em alto mar, mesmo que custem um pouco mais, também 4 navios completos um pouco mais pequenos, todos diferentes, no tamanho que indico na memória.

Deixe vir as peças da Arca de Noé, mesmo que custem 32 a 35 florins, elas são para um amigo que insiste todos os dias. Tem que ser trabalho cheio e bonitos animais, os nus jeitosos. Se aparecer uma bonita arquitetura barata, tela ou painel bem colado, pense em mim.

Diga ao Sr. Pieter Meulenaer que faça mais uma bonita batalha de cavalos do mesmo tamanho, com muitas figuras.

O oratório não foi feito. Mande-o fazer imediatamente.»

1644, 30 de Maio

«... Na primeira ocasião v. m. mandará mais umas 40 peças, com as quais virão também umas canecas para vinho e peças grandes de louça. As despesas ficam na minha conta, não pagarão taxas, visto que podem afirmar que não se trata de mercadoria mas de uma prenda.

...Também me rectificará v. m. o erro de 68 fl. que lhe apontei na minha última carta. Também me devem 54 fl. sobre as duas figuras de Albert Durer medidas em caixinhas próprias dentro da caixa n.º 1; as duas de marfim guardei cá, apesar de serem caras, corro o risco por conta própria.

Mande fazer as peças de Hertsveld encomendadas anteriormente, se tiver aí dinheiro para mim, tem que ser trabalho cheio com bonitos navios e figuras.

Mando também uma caixa com duas câmaras de couro dourado com a instrução de ser vendida em Amsterdão e o dinheiro enviado para v. m. Caso contrário, manda-se o couro para v. m.

Para o Sr. Peeter Meulenaer vão 17 peças de louça na primeira ocasião.»

1644, 13 de Setembro

«... Vejo que faltam os seis quadros de que v. m. fala na conta de 11 de Outubro, a saber Santo António de Pádua de Coniet, Emaús segundo Rubens, Santo Francisco de Coniet, Santo Sebastião segundo Van Dyck, a Ascensão de Nossa Senhora segundo Rubens e o Sermão de S. João a 33 fl. por peça, que v. m. achou muito bons e que de acordo com que disse

têm uma largura de 4 palmos e uma altura de 3 palmos amplos. Tinha falado aqui com amigos que os queriam e agora fico confuso e não sei o que devo dizer acerca da entrega. Nestas coisas v. m. devia cumprir o que diz e ter cuidado.

... Tenho aqui um conhecido que faz cornos de boi tão transparentes e coloridos como se fossem tartaruga. Na primeira oportunidade mando um para v. m. ver se se pode fazer alguma coisa com isso.

... Deixe vir mais 6 peças do mesmo tamanho a saber: a Descida da Cruz, a Adoração dos Magos, o Juízo de Salomão, todos segundo Rubens, os assuntos dos três outros ficam ao critério de v. m., mas têm que ser do mesmo tamanho e da mesma qualidade que estes que aparecem na conta com 33 fl. ... Agora sai um navio para Amsterdão... nele vai uma caixinha para Frei Daniel Seghers; a caixinha contém 3 grandes peças de louça para v. m. ... Eu mando ao Sr. Rogiers o desenho das armas dum bispo. Faça-me a gentileza de mandar fazer um sinete bem gravado para carimbar cartas, do tamanho indicado na margem, e o tal amigo lho mostrará.»

Estes documentos provam-nos que doutor A. Gusmão tinha bem razão ao afirmar, como sempre fez, que o já tradicional intercâmbio artístico com a Flandres não esmoreceu! Mandaram-se gravuras aos milhares, quadros às centenas, e muitos pequenos móveis de luxo. Grande parte destas peças de feição industrial, feitas por anónimos e às vezes despachadas sem cuidado. Mas também bastantes originais de conhecidos mestres da altura, como Abraham Janssens, Andries van Ertvelt, Pieter Meulener, Cornelis Schut, Pieter Neefs, Breugel, o jovem, David Teniers, Pieter van Lint... E cópias de valor de grandes artistas, que mais tarde devem ter sido confundidas com os originais.

Vitor Serrão, no seu livro sintético «A pintura maneirista em Portugal»⁷ escreve no capítulo «A Via Flamenga»: «É natural que a vinda de pinturas flamengas para adorno das residências nobres e das igrejas e mosteiros portugueses se haja continuado a processar — no seguimento de uma preferência estética e de um reconhecimento de qualidade que vinham de longe» e acrescenta, que codicilos e cláusulas testamentárias, inventários de bens da nobreza, assentos notariais e processos inquisitoriais dão prova disso.

⁷ SERRÃO, Vitor — *A Pintura Maneirista em Portugal*. Biblioteca Breve, Vol. 65, 1982, pp. 27-29.

Também o provam as três cartas da segunda metade do séc. XVII que traduzimos a seguir. Elas são da autoria de Justo Forchont, um filho da célebre família, que as escreve a partir de Lisboa, ao seu pai em Antuérpia. Nas duas primeiras, de 1670, faz encomendas para o negociante Boussemart — o conteúdo da segunda vem repetido nas instruções, mas como aparecem alguns pormenores novos, inserimos também este documento. Na última, dá-nos a contabilidade completa de uma remessa de três caixas. Em Denucé esta vem assinalada com a data de 1699, mas uma mão desconhecida escreveu no exemplar que utilizámos a data de 1669 com ponto de interrogação.

1670, 24 de Março:

Carta de Justo Forchont, Lisboa, a Guill. Forchont

«... É favor mandar fazer para o Sr. Boussemart 3 lâminas de acordo com as alturas e larguras indicadas para três molduras que ele tem aqui — portanto têm que vir sem molduras. Um em que fica pintada Vénus ao colo de Adónis com anjinhos à volta. Um onde uma mulher sentada na cama está a ser coroada e diante dela está um homem com uma tocha na mão e em baixo está um anjinho que lhe aperta o sapato — um assunto que Marcus já pintou num escritório que o Sr. Boussemart tem aqui, portanto, o Marcus o pintará outra vez de melhor maneira — aliás, o primeiro [assunto] está também nos escritórios pintados por van Lint e ele [Boussemart] o queria da mesma mão. E o outro [o terceiro] tem que ser feito também por van Lint, a saber uma Pomona igual àquela que está nos pequenos escritórios...»

1670, 8 de Julho

«... encomendo a v. m. em nome do Sr. Boussemart, por sua conta, 12 lâminas com molduras de ébano verde [ou molduras verdes de ébano] do tamanho maior, ou um pouco menos, como ele já teve, e que não devem exceder o preço de 30 fl., com o seguinte conteúdo:

1 onde Judich [Judite] decapita Olifernus [Holofernes].

1 onde Adónis está ao colo com anjinhos à volta

1 onde está uma mulher na cama

1 com o cestinho de Pandora

1 o Nosso Senhor com Maria Madalena no Horto

1 o banquete de Baltazar

1 com o túmulo de Salomão, o túmulo de Elena, de Alexandre o

Grande, de Cresus etc. com que se compara o curso do mundo, conforme a gravura que está no livro de Cats, *o Caixão*, que tem que servir de modelo

1 a nassa do mesmo livro de Cats, acrescentada de uma paisagem
1 a morte de Dido como está na gravura do livro de *Virgile traduit en vers heroïques* que encontrará à venda na bolsa

1 a morte de Camil [a] segundo a gravura do tal livro

1 «Esses» de *Ovidius oft Taures*

1 também de Ovidius onde um sátiro corre atrás de uma mulher =
12 quadros

Também um biombo de Vuystien com seis portas com vasos de flores como já mandou ao Sr. Boussemart...

... Mandamos fazer ao Sr. de Coninck 18 lâminas com molduras verdes de ébano, de 24 a 25 fl., a saber: 6 do Triunfo da Santa Igreja, 6 a vida de Judich, 6 de Ovidius».

1760 [deve ser 1670?] Memória para mandar fazer para o Sr. Boussemart 12 quadros do tamanho maior, ou um pouco menos, como já veio, com molduras verdes de ébano, que não podem custar mais do que 30 fl. em média e que têm que ter o conteúdo seguinte:

1 onde Judith decapita Olifernus, que tem que ser pintado segundo o original que Quellin tem, por Auwelaer ou outro

1 onde Adónis está ao colo de Vénus como vem pintado nas portas dos escritórios grandes que ele tem aqui, da mão de van Lint

1 onde uma mulher está sentada na cama e onde um homem se aproxima dela com uma tocha na mão e segurado por 2 ou 3 anjinhos, que o Marcus também já fez nas portas dos tais escritórios

1 com o cestinho de Pandora por van Lint com paisagem

1 o Nosso Senhor com Maria Madalena no Horto

1 o banquete de Baltazar

1 o curso do mundo, a saber o túmulo de Salomão, o túmulo de Elena, de Alexandre o Grande, Cresus etc., pintado segundo a gravura no livro de Cats chamado *o Caixão*

1 a nassa do tal livro de Cats com paisagem

1 a morte de Dido

1 a morte de Camil [a], as gravuras estão num livro chamado em francês *le livre de Virgile traduit en vers heroïques*, v. m. encontrará o livro à venda na bolsa ou Arónio o terá

1 «esses» [Herse?] de Ovidius

1 onde um sátiro corre atrás duma mulher no caniço, segundo Ovidius = 12 quadros, mas se houver uns assuntos que não conseguem, então substituem-nos por algo jeitoso, ao critério de v. m.

Também um biombo de 6 portas com vasos de flores de Vuystien como já mandou, mas sem moldura, já que o queremos cortar em três para fazer três quadros como já fizemos com o outro. Portanto, é só enrolar num pau e mandar assim para Middelburgh para Gaspar Addrianssens «per governo».

1699 [1669?], Lisboa — Conta para o meu pai, Sr. Gilliam Forchoudt, de 3 caixas de quadros vendidas em Lisboa:

«Três caixas da marca indicada ao lado. No n.º 1: 49 peças de quadros, a saber 15 apóstolos, 14 a Vida de Nossa Senhora, 8 meias-telas no comprimento e 12 quartos. E nos n.ºs 2 e 3: respectivamente, um gabinete com espelho, sendo o espelho do tamanho $\frac{3}{4}$ $\frac{1}{2}$, [mercadoria] recebida pelo navio Sint-Jacob, sendo capt. Baudewijn Cornelissen, devemos por conta do meu pai Giliam Forchoudt:

Para frete pago ao capt. Baud. Corn. para as 3 caixas		
9 cruzados, e um real por cruzado para avaria	Réis 3	d.960
para as tirar do navio e pôr no batel e levar do batel		
para a alfândega a 40 réis por cento	Réis	d.120
para as tirar do armazém dos ingleses	R.	d.200
para abrir as 3 caixas e as levar à mesa grande	R.	d.188
para o direito de as abrir na saída e taxa	R.	d.360
na saída do portão 20 por caixa	R.	d. 60
declaração dos gabinetes avaliados 40 d.000 rs		
declaração dos 2 espelhos a 14 d. 000		
14 peças da Vida de Nossa Senhora avaliadas em 1500 rs por peça 21 d. 000		
28 peças a saber 15 apóstolos e 13 telas compridas avaliadas em média 1.000 réis 3 d. 5000		
perfaz 106 d. 500 a 23 per cento à grande mesa		
e à pequena	R. 24	d.495
para levar os dois escritórios para casa	R.	d.600
para levar os quadros da alfândega para a Inquisição ..	R.	d.360
para abrir aí a caixa e para a levar da Inquisição		
para casa	R.	d.360
para cobrir com pintura os pés nus de Nossa Senhora, por ordem da Inquisição	R.	d.250
para a franquia das cartas	R. 2	d.000
para a minha provisão de 294 d. 300 a 3 per cento	R. 8	d.829
Saldo	Rs 298	d.800

Tem que ter:

ady 17 de Setembro de «1599?» vendidas		
4 paisagens do n.º 4	Rs 5	d.000
ady 8 de Outubro ao Sr. Nicolas Pedro 2 espelhos		
de ¾ ½ com moldura dourada	Rs 40	d.000
ady 20 de Novembro ao Sr. Boussemart 6 telas		
do n.º 1	Rs 36	d.000
ady 20 de Dezembro vendidos ao Simon Nobel		
8 apóstolos a 22000 rs	Rs 17	d.600
ady ditto vendidas 2 meias-telas do n.º 3 a 2000 rs	Rs 4	d.000
ady 2 de Maio 2 ditto do n.º 3 juntos	Rs 2	d.700
ady ditto 3 telas do n.º 1 a 4500 rs	Rs 13	d.500
ady ditto 5 do n.º 1 a 4500 rs	Rs 22	d.500
ady ditto um do n.º 3 e 2 do n.º 4 juntos	Rs 3	d.000
ady ditto 7 do n.º 2 a 2000 rs	Rs 14	d.000
3 do n.º 3 aos da alfândega por me fazer «cortoisie»		
que me pagaram	Rs 4	d.500
para 2 escritórios em troco de açúcar e tabaco		
vendidos ao Geronimo Nunes de Fonseca	Rs 130	d.000
.....	Rs 298	d.800»

Num artigo interessante de 1963 «A Inquisição portuguesa e a arte condenada pela Contra-Reforma»⁸, Flávio Gonçalves escreve que a Inquisição espanhola velava para que os pintores não mostrassem a Virgem Maria, quando sentada, de pernas cruzadas e pés descobertos e descalços. Acrescenta: «Não sei se em Portugal a Inquisição chegou a tais minudências». Aqui temos a prova que sim.

Ainda na base dos estudos acima mencionados, deixamos seguir agora uma pequena colectânea de elementos com significado para Portugal, sejam eles referências em documentos ou reflexões dos próprios historiadores.

Assim aprendemos que não só «registos» e «santinhos» vieram de Flandres mas também baralhos de cartas. Consta que Nicolas de la Cattoir, livreiro em Lisboa ca 1615-1627, detinha aí o monopólio deste curioso artigo. Ainda hoje, Turnhout é o maior centro mundial de cartas para o jogo, e no museu daquela cidade encontramos exemplares antigos, pintados à mão, gravados em madeira ou em metal.

⁸ GONÇALVES, Flávio — *A Inquisição Portuguesa e a arte condenada pela Contra-Reforma*, «Colóquio», n.º 26, Dezembro de 1963, pp. 26-30.

Numa carta de 15 de Março de 1643 P. Christijn fala a Musson sobre a data mais apropriada para o leilão do Sr. Taxis. O seu conselho: uma semana antes da Páscoa, pois o tempo já estará melhor e agradável, o que favorece as deslocações dos amadores. Depois da Páscoa é que não: devem recomeçar as hostilidades dos inimigos e D. Francisco de Melo irá para as campanhas.

Três de Julho de 1649 é a data que está na carta de recomendação que P.^c Thomas de Jesus (espanhol ou português?) entrega em Bruxelas ao seu sobrinho para Matthijs Musson. O rapaz já aprendeu a pintar em Douai mas agora devia aperfeiçoar-se em Antuérpia: «... je vous prie de tant faire pour mon suiet et de ma soeur de le mettre chez un bon peintre et catholique...»

No ano 1654, a rainha Christina de Suécia demora-se muito tempo em Antuérpia, a caminho de Roma. Fica hospedada na casa de Garcia de Yllan e aproveita a sua estadia para juntar uma valiosa colecção de obras de arte.

Como é sabido, os magnatas da nação portuguesa de Antuérpia são bons clientes. Nos «Dados novos» aparecem mais umas referências, por ex. a Monsieur Roderigo, Português, e a Monsieur Franko Feo, respectivamente em Abril e Maio de 1658.

Em 1669 Justus Forchont escreve ao seu pai, a partir de Lisboa, que o mercado está a ser inundado de guirlandas «do gordo Filipe». Eric Duverger acha possível que o referenciado seja o pintor de flores Filips de Marlier, que faleceu em Antuérpia em 1667 ou 1668.

Numa carta de 28 de Fevereiro de 1670, o pai Forchont comunica aos seus filhos em Viena: vai haver outro grande leilão em Bruxelas de quadros raros, muitos italianos, do príncipe de Portugal. Começa no dia 3 de Março, e vai-se tirar proveito, sem dúvida nenhuma.

Da mesma altura data uma breve carta de Emanuel de Portugal a Duarte. (23 de Março de 1670).

No estudo de E. Duverger lemos que Matthijs Musson, através do seu casamento com Maria Fourmenois, entrou em contacto com Cornelis de Baillieur, pintor de Antuérpia, e que mandaram muitas caixas em parceria para Espanha e Portugal. Mais de sessenta artistas antuerpienses executaram pinturas para a célebre Casa, entre outros o talentoso Willem van Herp (ca. 1614-1677), cuja obra parece ter sido muito apreciada na Península.

De acordo com Denucé, a obra de Pieter Van Lint (1609-1690) encontra-se essencialmente na Península, muitas vezes sob outras atribuições.

Um dos documentos mais significativos em Denucé é este recibo:

«O abaixo assinado reconhece ter recebido do Senhor Guilielmo Forckhoudt por ordem do Rev. Padre Joannes Franco, Procurador Geral

da Província de Portugal da Sociedade Jesu em Lisboa, o montante de 98 florins de Brabante. Feito em Antuérpia, no dia 29 de Abril de 1698 por mim, Daniel Papebrochius S.J.».

O jesuíta Papebrochius não é desconhecido dos investigadores portugueses. Estava ligado a «Acta Sanctorum», onde tratou da Vida de vários santos portugueses.

Não vamos agora entrar em especulações acerca do porquê deste recibo, pois as razões podem ser muitas. Preferimos voltar ao nosso assunto principal, a importação de obras de arte a partir da Flandres, observando que uma parte dos quadros e das gravuras de teor religioso estava destinada às missões e seguiu para a Índia, Japão, China, Brasil... É um capítulo apaixonante, no qual os jesuítas tinham um papel de relêvo. Através deles, pinturas, estampas soltas, colecções de gravuras, livros ilustrados e até mapas gravados foram para todos os cantos do mundo — outro aspecto interessante dos Descobrimentos!

Os documentos aqui publicados em português provam que a importação a partir da Flandres continuou ao longo do séc. XVII. Notámos nas cartas que, mesmo naquela altura, o transporte se processava essencialmente por mar. Para contornar o problema do encerramento do Escalda era preciso recorrer ao trasbordo das mercadorias e/ou pagamento de taxas especiais. Isto dificultava as relações e encarecia os produtos e não podia deixar de afectar seriamente o comércio. No entanto, estamos confiantes que uma investigação mais minuciosa é capaz de trazer à luz muitos mais elementos que ilustram o intercâmbio lusoflamengo daquela época.

